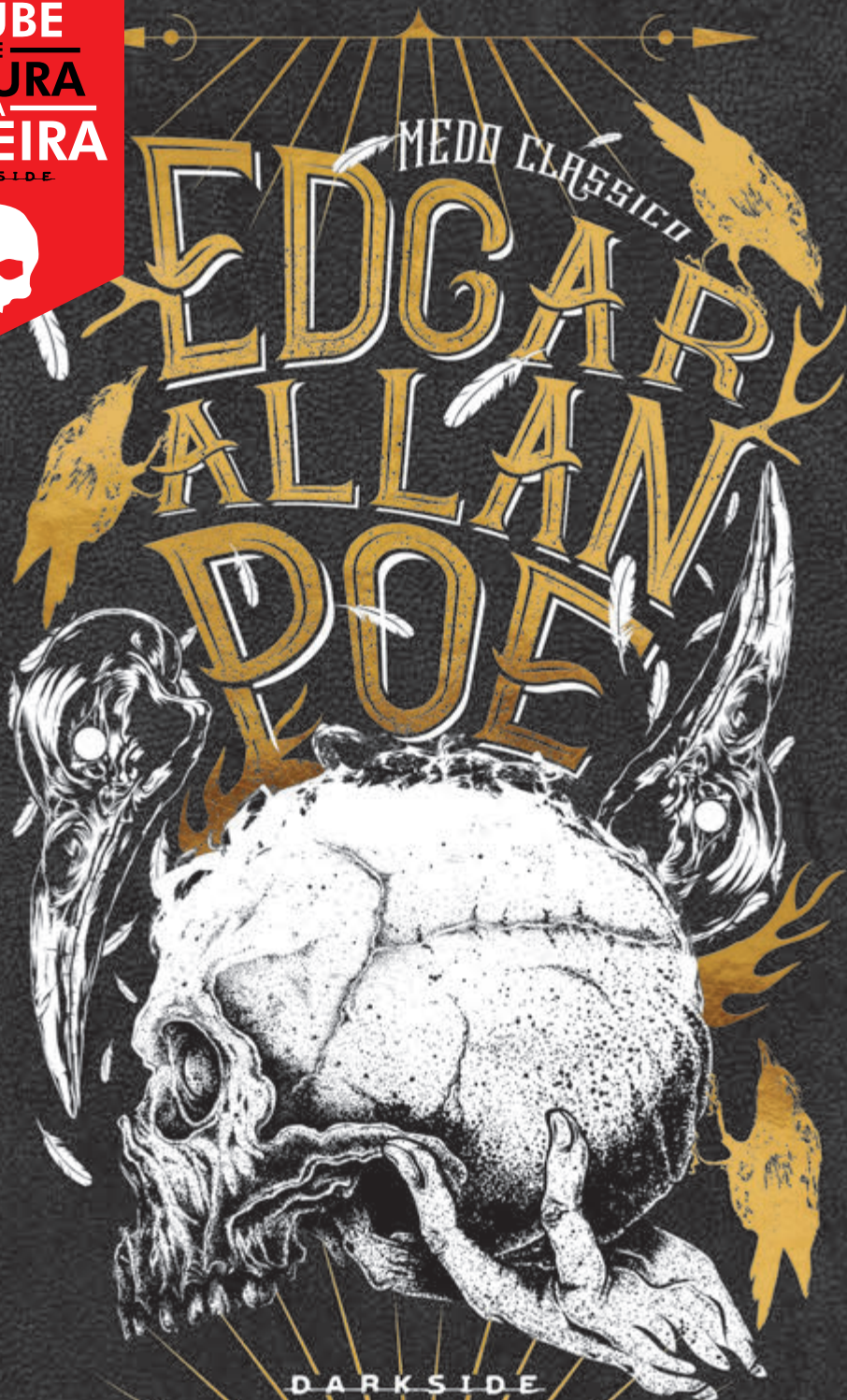


Juntos na realidade. Juntos na ficção.

CLUBE
DE
LEITURA
DA
CAVEIRA
DARKSIDE





MEDO
CLASSICO



EDGAR ALLAN POE

Edgar A Poe

Tradução
MARCIA HELOISA

Ilustrações
RAMON RODRIGUES



Volume 1

~~DARKSIDE~~



O GATO PRETO



EDGAR ALLAN POE

1843

Para a narrativa fantástica, embora prosaica, que estou prestes a relatar, não espero ou peço crédito. Eu seria louco se de fato esperasse por isso, sendo uma história cujas evidências são rejeitadas por meus próprios sentidos. Contudo, não sou louco — e, com toda a certeza, não foi um sonho. Mas amanhã estarei morto, e hoje preciso remover este fardo de minha alma. Meu intento imediato é expor perante o mundo, de maneira direta, sucinta e sem especulações, uma série de meros acontecimentos domésticos. Tais acontecimentos, em suas consequências, me aterrorizaram, me torturaram, me destruíram. No entanto, não tentarei explaná-los. Para mim, apresentaram-se como total Horror — para muitos, hão de parecer mais *barrocos* do que terríveis. É possível que, doravante, algum espírito mais sábio possa reduzir minha ilusão ao lugar-comum — algum sábio de natureza mais calma, mais lógica e menos excitável do que a minha,

que perceberá, nas circunstâncias que detalharei com assombro, nada além de uma sucessão insuspeita de causas e efeitos bastante naturais.

Desde criança, sou conhecido por meu temperamento dócil e humano. A ternura de meu coração era conspícua a ponto de tornar-me motivo de escárnio por parte de meus companheiros. Era especialmente afeiçoado aos bichos, e meus pais sempre me agradaram com uma grande variedade de animais de estimação. Passava a maior parte do tempo com eles e nada me alegrava mais do que alimentá-los e acariciá-los. Esse traço de personalidade cresceu junto comigo e, na idade adulta, constituía uma de minhas principais fontes de contentamento. Para aqueles que já nutriram afeição por um cão fiel e sagaz, não preciso me dar ao trabalho de explicar a natureza ou a intensidade da gratificação que obtemos de tal vínculo. Há algo de altruísta e abnegado no amor de um animal que toca o coração daquele que pôde testar amiúde a amizade precária e a fidelidade leviana dos *Homens*.

Casei-me cedo e foi com alegria que descobri em minha esposa uma inclinação semelhante. Observando a afeição que eu tinha pelos animais domésticos, ela não hesitou em providenciar os mais adoráveis. Tivemos pássaros, um peixe-dourado, um cão, coelhos, um mico e *um gato*.

Este último era um animal de porte e beleza sem par, todo negro e de uma sagacidade impressionante. Ao comentar sobre sua inteligência, minha mulher — que, no fundo, era um pouco influenciada pela superstição — aludia repetidas vezes à antiga credence popular, segundo a qual todos os gatos pretos eram bruxas disfarçadas. Não que ela acreditasse nisso *de verdade* — menciono o fato apenas por ter me ocorrido à lembrança.

Plutão,¹ o gato, era meu animal de estimação favorito, meu melhor companheiro. Só eu o alimentava e ele me seguia por toda parte. Era com dificuldade que o impedia de me seguir pelas ruas quando saía de casa.

1 Plutão, para os romanos, correspondia ao deus Hades na mitologia grega. Conta-se que na divisão feita com seus dois irmãos, Júpiter (Zeus) e Netuno (Poseidon), Plutão assumiu o submundo, reinando sobre os mortos. Seu nome em grego (Hades) evoca sua característica de se fazer invisível (Aidos).

Nossa amizade conservou-se assim por vários anos, durante os quais meu temperamento e minha personalidade — por obra do Demônio da Intemperança — experimentaram uma mudança radical (ruborizo ao confessar) para pior. A cada dia, tornava-me mais inconstante, mais irritável, mais insensível aos sentimentos alheios. Dirigia-me à minha esposa com uma linguagem intempestiva. Por fim, acabei fazendo uso de violência física contra ela. Os animais, é claro, sentiram as alterações em meu humor. Eu não apenas os negligenciava, como passei a maltratá-los. No entanto, conseguia manter estima suficiente por Plutão para não o atormentar, como fazia sem escrúpulos com os coelhos, o mico ou até mesmo o cão, quando, por acidente ou afeição, eles se punham em meu caminho. Porém, a doença tomou conta de mim — pois o álcool é uma doença! — e, por fim, até mesmo Plutão (que já estava ficando velho e, portanto, um pouco impertinente), até mesmo ele passou a sofrer os efeitos do meu mau gênio.

Certa noite, ao chegar em casa muito embriagado após uma de minhas incursões noturnas pela cidade, cismei que o gato me evitava. Eu o segurei à força e, assustado com tanta violência vinda de mim, ele feriu minha mão com uma leve mordida. Na mesma hora, fui possuído por uma fúria demoníaca. Mal podia me reconhecer. Minha alma parecia ter escapado e uma maldade mais do que diabólica, alimentada pelo gim, eletrizava cada fibra de meu corpo. Tirei um canivete do bolso do casaco, abri-o, agarrei o pobre animal pelo pescoço e, deliberadamente, removi um de seus olhos! Sinto-me ruborizar, sinto-me febril e estremeço ao relatar tamanha atrocidade execrável.

Quando recuperei a razão na manhã seguinte — tendo depurado em sono o veneno dos excessos noturnos —, experimentei uma mescla de horror e remorso pelo crime do qual era culpado; mas foi, na melhor das hipóteses, um sentimento débil e ambíguo, e minha alma permanecia impermeável. Mais uma vez, mergulhei em excessos e logo afoguei no vinho a lembrança de meu feito.

Entrementes, o gato foi se recuperando aos poucos. A órbita do olho removido, é bem verdade, exibia uma aparência tenebrosa, mas ele não mais parecia sofrer dor alguma. Vagava pela casa como de

costume, porém, como se poderia imaginar, fugia em terror absoluto quando eu me aproximava dele. Preservava ainda uma porção suficiente de meu antigo coração para lamentar a evidente ojeriza de uma criatura que outrora me amara tanto. Entretanto, tal sentimento logo deu lugar à irritação. E então, em minha queda derradeira e irrevogável, apossou-se de mim o espírito da perversidade. A filosofia ignora tal espírito. Contudo, com a mesma certeza com que creio em minha alma, acredito que a perversidade seja um dos impulsos primitivos do coração humano — uma de suas faculdades primárias indivisíveis, ou sentimentos, que fornecem direção ao caráter do Homem. Quem, centenas de vezes, não se viu cometendo um ato vil ou estúpido pelo simples motivo de saber que *lhe é proibido*? Não temos uma inclinação perpétua, a despeito de nosso juízo, para violar a *Lei* apenas por compreendê-la como tal? O espírito da perversidade, eu dizia, trouxe-me a derrocada final. Foi esse anseio insondável da alma *em se conspurcar* — de oferecer violência à própria natureza, de maltratar por maltratar — que me impeliu a continuar e, por fim, consumir o dano que já infligira a um animal que jamais me causara mal algum. Em uma manhã, a sangue-frio, passei uma corda ao redor de seu pescoço e o pendurei no galho de uma árvore; enforquei-o com as lágrimas correndo por meu rosto e sentindo a pontada do remorso mais pungente em meu coração; enforquei-o *porque* sabia que havia me amado e *porque* sentia que não me dera motivo algum para lhe causar mal; enforquei-o por saber que, ao fazê-lo, estava cometendo um pecado — um pecado mortal que, se possível, colocaria em risco minha alma eterna, alijando-a para além da misericórdia infinita do Deus Mais Piedoso e Mais Terrível.

Durante a noite, no dia em que cometi tal ato cruel, fui despertado de meu sono por um grito acusando incêndio. As cortinas de meu quarto estavam pegando fogo. A casa inteira ardia em chamas. Foi com grande dificuldade que minha esposa, meu criado e eu conseguimos escapar do fogaréu. A destruição foi absoluta. Toda a riqueza mundana que eu possuía foi devorada pelo fogo e fui obrigado a resignar-me diante do desespero.

Não vou ceder à fraqueza de buscar estabelecer uma relação de causa e efeito entre o desastre e a atrocidade. No entanto, estou detalhando uma cadeia de fatos — e não quero deixar solto nenhum elo possível. No dia posterior ao incêndio, visitei as ruínas. As paredes, com uma única exceção, haviam desmoronado. Restou apenas uma parede interna, não muito espessa, que se erguia no meio da casa, contra a qual repousava a cabeceira de minha cama. Seu reboco resistira, em grande medida, à ação do incêndio — fato que atribuí à sua aplicação recente. Em torno dessa parede, reunira-se uma expressiva multidão e várias pessoas pareciam examinar uma região específica com muita atenção e interesse. Exclamações como “Estranho!”, “Singular!” e outras semelhantes despertaram minha curiosidade. Aproximei-me e vi, como se entalhado em *baixo relevo* na superfície branca, a figura de um enorme *gato*. A imagem era de uma precisão extraordinária. Havia uma corda em volta do pescoço do animal.

Quando fitei aquela aparição — decerto fantasmagórica —, experimentei grande surpresa e horror. No entanto, por fim, fui acudido pela razão. O gato, lembrei, havia sido enforcado em um jardim contíguo à casa. Ao alarme de incêndio, o jardim fora de pronto invadido pela multidão e alguém deveria ter removido o animal da árvore, atirando-o em meu quarto pela janela aberta. Isso deve ter sido feito no intuito de me despertar do sono. A queda das demais paredes comprimira a vítima de minha crueldade na massa do emboço recém-feito; a cal, com as chamas do incêndio e a *amônia* da carcaça do animal, fora responsável pelo relevo que eu agora contemplava.

Embora tenha sem demora apelado para a razão, bem como para a consciência, a fim de justificar o fato surpreendente que acabo de detalhar, não pude evitar que causasse profunda impressão em minha mente. Por meses a fio, não consegui me livrar do fantasma do gato; e, durante esse ínterim, tornei a experimentar um sentimento impreciso que parecia, mas não era, remorso. Cheguei de fato a lamentar a perda do animal e a buscar ao meu redor, nos redutos torpes que passara a frequentar com assiduidade, outro bicho de estimação da mesma espécie, com aparência semelhante, que pudesse substituí-lo.

Certa noite, entorpecido em um antro de incontestável infâmia, atinei para uma silhueta preta, repousada sobre a tampa de um dos imensos barris de gim ou de rum, que compunham praticamente toda a mobília do local. Contemplei, concentrado, a superfície do barril por alguns minutos e surpreendi-me ao constatar que não percebera a sombra antes. Aproximei-me e a toquei com a mão. Era um gato preto — um felino imenso — tão grande quanto Plutão e parecido com ele em todos os aspectos, com uma única exceção. Ao contrário de meu antigo animal, que não possuía um único pelo branco no corpo, o gato exibia uma extensa mancha branca, indefinida, que lhe cobria todo o peito.

Tão logo foi tocado, ele se levantou, ronronando alto, e pôs-se a se esfregar em minha mão, mostrando-se satisfeito com a atenção. Pareceu-me ser exatamente o animal que estava procurando. Ofereci-me para comprá-lo do proprietário do local; ele, no entanto, alegou não ser o dono — nada sabia ao seu respeito nem nunca o vira antes.

Continuei a afagá-lo e, quando estava prestes a ir embora, o animal manifestou desejo de acompanhar-me. Aceitei que me seguisse; curvava-me, de quando em vez, para acariciá-lo. Ao chegarmos em casa, ele logo se mostrou à vontade no novo espaço, tornando-se de imediato o favorito de minha mulher.

Quanto a mim, não tardou para que eu percebesse em meu íntimo uma crescente aversão ao animal. Era o oposto do que eu previa; mas não sabia como ou por que sua evidente afeição me enojava e irritava. Aos poucos, o nojo e a irritação deram lugar à amargura do ódio. Eu o evitava. Uma certa vergonha e a lembrança de meu ato de crueldade me impediam de machucá-lo fisicamente. Por algumas semanas, não lhe bati ou maltratei; mas, pouco a pouco — de maneira bem gradual —, passei a fitá-lo com indizível ojeriza e a fugir de sua odiosa presença como quem evita um ar pestilento.

O que agravou, sem dúvida, meu ódio pelo animal foi a descoberta, na manhã seguinte, de que, como Plutão, ele também havia perdido um dos olhos. Tal circunstância tornou-o ainda mais caro à minha mulher, que, como já mencionei, possuía um temperamento assaz

humano, o qual, outrora, representara um traço de meu caráter, bem como a fonte de muitos de meus mais simples e puros deleites.

Minha aversão ao gato, no entanto, parecia crescer em escala proporcional à sua predileção por mim. Ele seguia meus passos com uma tenacidade que o leitor dificilmente poderá compreender. Quando me sentava, aninhava-se sob minha cadeira ou pulava em meu colo, cobrindo-me com suas repulsivas carícias. Se me levantava para andar, metia-se entre meus pés quase me fazendo tropeçar ou, cravando as garras longas e afiadas em minha roupa, subia por meu corpo até alcançar o peito. Nessas ocasiões, embora desejasse destruí-lo com um golpe, ainda conseguia me conter, em parte pela memória do crime que cometi anteriormente, mas, sobretudo — deixe-me confessar de uma vez —, pelo *pavor* absoluto que o animal me inspirava.

Não temia exatamente um dano físico; contudo, não saberia definir esse medo de outra maneira. É com muita vergonha que admito — sim, mesmo agora, condenado nesta cela, é com muita vergonha que admito — que o terror e o horror que o animal me inspirava haviam sido exacerbados por um dos devaneios mais triviais que se possa conceber. Minha esposa chamara-me a atenção, mais de uma vez, para o aspecto da mancha branca do animal, à qual já me referi e que constituía a única diferença visível entre a misteriosa criatura e o gato que eu destruíra. O leitor há de recordar que tal mancha, embora extensa, era originalmente indefinida; mas, aos poucos — de modo quase imperceptível, com o qual minha mente lutou por muito tempo para rejeitar como fantasioso —, ela foi ganhando um contorno cada vez mais nítido. Era então a representação de um objeto que tremo ao nomear — e, por esse motivo, acima de todos os demais, eu abominava, temia e teria me livrado do monstro se *tivesse tido coragem*; era agora, como ia dizendo, a imagem de algo horrendo, macabro: a imagem de uma força! Ah, lúgubre e tenebroso instrumento do Horror e do Crime, da Agonia e da Morte!

Eu agora estava desgraçado para além de qualquer tragédia humana. E que *um animal estúpido*, cujo semelhante eu destruíra com tamanho desprezo, que *um animal estúpido* fosse capaz de impingir a *mim*

— a mim, homem, feito à semelhança do Deus Altíssimo — um sofrimento tão insuportável! Ai de mim! Passei a desconhecer, fosse dia ou noite, a benção do repouso! Durante o dia, a criatura não me deixava um instante sozinho; à noite, despertava de hora em hora de sonhos de inexprimível pavor para me deparar com aquele *demônio* baforando seu hálito quente em meu rosto, o corpo volumoso — um pesadelo encarnado do qual não podia me desvencilhar — pairando como um peso eterno sobre meu *coração*!

Soterrado pela pressão de tais tormentos, o resquício de bondade que havia em mim sucumbiu. Pensamentos malignos tornaram-se meus únicos companheiros íntimos — as ideias mais tenebrosas e soturnas. A instabilidade de meu habitual temperamento acentuou-se em um ódio generalizado de tudo e por todos; enquanto isso, minha resignada esposa era a principal e mais paciente vítima dos ataques súbitos, frequentes e incontroláveis de uma fúria à qual eu então me abandonava cegamente.

Certo dia, ela me acompanhou, por ocasião de um afazer doméstico, até o porão da velha casa onde fomos obrigados a morar em virtude de nossa pobreza. O gato me seguiu, descendo pelos íngremes degraus e, quase me fazendo cair de cabeça, exasperou-me às raias da loucura. Erguendo um machado e esquecendo, em minha ira, o pavor pueril que até então me cerceara, preparei um golpe que, é claro, teria sido fatal caso eu tivesse acertado o alvo. Porém, a mão de minha mulher o impediu. Instigado, pela interferência, a uma ira ainda mais demoníaca, desvencilhei-me do toque dela e enterrei o machado em seu crânio. Ela caiu morta na hora, sem emitir um único gemido.

Após cometer o hediondo assassinato, engajei-me de imediato, com total deliberação, na tarefa de ocultar o cadáver. Sabia que seria impossível removê-lo da casa, fosse de dia ou de noite, sem correr o risco de ser observado pelos vizinhos. Diversas ideias me ocorreram. Em determinado momento, pensei em esquarterar o corpo em diminutos fragmentos e depois destruí-los no fogo. Depois, ponderei se deveria cavar uma cova no assoalho do porão. Mais adiante, cogitei arremessá-lo no poço do jardim. Ocorreu-me também embalá-lo em

uma caixa, como se fosse uma mercadoria, com todos os arranjos habituais, e arrumar um carregador para retirá-lo da casa. Por fim, optei pela solução que me pareceu melhor do que qualquer uma das anteriores. Decidi emparedá-lo no porão — como, segundo relatos, faziam os monges com as suas vítimas na Idade Média.

O local era bem adaptado para tal propósito. As paredes não eram muito sólidas e haviam sido recentemente emboçadas com um grosso reboco que não estava ainda de todo firme em virtude da umidade do local. Ademais, em uma das paredes, havia uma reentrância, projetada como uma falsa chaminé ou lareira, que fora preenchida para se igualar ao restante do porão. Logo constatei que podia desalojar os tijolos naquele lugar, acomodar o cadáver e vedar a parede novamente, de modo que observador algum jamais poderia desconfiar de que havia algo suspeito ali.

Meus cálculos não me enganaram. Com a ajuda de um pé de cabra, removi com facilidade os tijolos e, após ter depositado com muito cuidado o cadáver contra a parede interna, imobilizei-o nessa posição enquanto reerguia, sem grande dificuldade, a estrutura tal como estivera antes. Após localizar argamassa, areia e fibras com extremada precaução, preparei um reboco semelhante ao antigo e apliquei-o com muito cuidado sobre a nova estrutura. Ao concluir o trabalho, fiquei satisfeito com o bom resultado. A parede não traía qualquer indício suspeito. Recolhi a sujeira do chão com atenção minuciosa. Olhei ao redor, triunfante, e disse a mim mesmo: “Aqui, pelo menos, meu trabalho não terá sido em vão”.

O próximo passo foi procurar a criatura que havia causado tamanha desgraça; estava firmemente decidido a matá-lo de uma vez por todas. Se o tivesse encontrado naquele momento, o destino do animal não teria sido outro; mas, ao que parecia, o engenhoso bicho alarmara-se com a violência de minha raiva e evitava se expor em minha presença, estando eu naquele estado de espírito. É impossível descrever ou imaginar o alívio profundo e regozijante que a ausência da detestável criatura provocou em mim. Ele não apareceu durante a noite — e dessa forma, pela primeira vez desde que o gato fora morar conosco,

tive um sono tranquilo; sim, *dormi* bem, mesmo com o fardo do crime pesando em minha alma!

O segundo e o terceiro dias se passaram sem que meu algoz regressasse a casa. Pude, mais uma vez, respirar aliviado a liberdade. O monstro, aterrorizado, fora embora para sempre! Nunca mais o veria novamente! Minha felicidade era absoluta! A culpa por meu ato sombrio sequer me perturbava. Foram feitas algumas investigações, mas respondi de pronto a todas as perguntas. Conduziram até mesmo uma busca — mas, é claro, nada foi descoberto. A alegria futura parecia-me garantida.

No quarto dia após o assassinato, um grupo de policiais apareceu de surpresa em minha casa a fim de executar uma rigorosa investigação no local. No entanto, estava tão seguro acerca da inescrutabilidade do esconderijo que não me senti nem um pouco acuado. Os policiais solicitaram que eu os acompanhasse em sua busca. Canto ou nicho algum escapou de seu escrutínio. Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram ao porão. Mantive-me estoico. Meu coração batia com a tranquilidade dos que repousam inocentes. Atravessei o porão, de um lado para o outro. Cruzando os braços, perambulei por toda sua extensão. Os policiais, mais do que satisfeitos, já estavam prontos para partir. Contudo, a euforia em meu peito era muito forte para ser contida. Ansiava por dizer apenas uma palavra, à guisa de triunfo, para certificar-me de que estavam convencidos de minha inocência.

— Cavalheiros — disse-lhes, por fim, enquanto subiam as escadas — estou feliz por ter aplacado suas suspeitas. Desejo-lhes saúde e um pouco mais de cortesia. À propósito, esta... esta é uma casa muito bem construída. — Na ânsia desarrazoada de comentar uma amenidade, eu mal sabia o que estava dizendo. — *Extremamente* bem construída, se me permitem dizer. Estas paredes... Já estão de saída, cavalheiros?... Estas paredes foram assentadas com muita solidez. — E, nesse momento, tomado pelo frenesi da bravata, golpeei com a bengala que trazia na mão o local exato onde, oculto sob os tijolos, jazia o cadáver de minha estimada mulher.

Que Deus me livre e guarde das presas do Demônio! Mal silenciara o eco dos meus golpes, reverberou uma voz vinda do túmulo! Um grito, primeiro abafado, entrecortado como o choro de uma criança, que, logo depois, cresceu em um som ensurdecedor e contínuo, anormal e inumano — um urro — um lamento pungente, que mesclava horror e triunfo, do tipo que só poderia ter vindo do inferno, escapando da garganta dos amaldiçoados em sua agonia e dos demônios que exultavam na danação.

É tolice relatar os pensamentos que me tomaram naquele momento. Desfalecendo, cambaleei até a parede oposta. Por um momento, os policiais parados na escada mantiveram-se imóveis, tomados por terror e espanto. Logo em seguida, doze braços fortes arrancavam os tijolos. A parede veio abaixo. O corpo, já em avançado estado de decomposição e coberto de sangue coagulado, pairava ereto diante de seus espectadores. Sobre a cabeça do cadáver, com a boca aberta em um ricto escarlate e um único olho flamejante, sentava-se a criatura hedionda cuja artimanha me compelira ao crime e cuja voz delatora haveria de me condenar à força. Eu emparedara o demônio dentro do túmulo!